

Pedro Abrunhosa em Paris

Três sortudas da equipagem da Cap Magellan tiveram a oportunidade de entrevistar Pedro Abrunhosa, cuja digressão musical passará pela emblemática sala La Cigale em Paris.

Durante este encontro, tivemos a chance de evocar recordações bonitas vividas com a Cap Magellan e de relembrar também o carinho que sempre testemunhou à capital francesa e aos lusodescendentes.

Cap Magellan: Pedro, que felicidade encontrar-te de novo! Vais atuar em Paris dia 23 de outubro na sala de La Cigale. Sabemos que tens uma ligação muito singular com a França, com a música e com a língua francesa... Tu parles même français! O que significa para ti cantar em Paris?

Pedro Abrunhosa: Paris é uma cidade inundada de música, de pensamento, de literatura,

trabalhos temporários em França, nas quintas, a apanhar laranjas, uvas, a pisar vinho... Mas partia sempre de Paris, de Austerlitz ou da Gare du Nord. Era de Paris que partia para o mundo. Depois, toquei no Zénith, no La Coupole, no Olympia várias vezes... Agora, pela primeira vez, vamos estrear o La Cigale. É uma espécie de abraço ao fim destes anos todos, a um sítio que é uma espécie de casa, não é? Uma casa cultural! Recordo-me muito bem do meu concerto no Zénith, em 1997, organizado pela Cap Magellan...

CM: E nós também!

PA: Já lá vão alguns anos! Também tinha dado uma conferência na FNAC Les Halles se

grande comunidade portuguesa. Um dos teus recentes sucessos "Para os braços da minha mãe" toca inevitavelmente o coração de quem vive fora. Como te veio a inspiração para escrever essa música?

PA: Esta música foi movida por vocês. Por vocês e pela geração que vos precedeu. Porque a coragem que é preciso ter para sair do país... Há frases, nas minhas músicas, que simbolizam um disco. No "Tudo o que eu te dou", a frase mais importante para mim, é: "mata-me de amor, dá-me liberdade". Qualquer pessoa que ama tem que matar o outro de amor, e simultaneamente, dar-lhe liberdade. Isso é que é amor. No "Para os braços da minha mãe", há uma frase que simboliza a comunidade portu-

« É por isso que vocês, lusodescendentes, têm toda a razão em ter esta dicotomia. Vocês têm o pé num país e no outro, e são países extraordinários de um ponto de vista cultural »

de arte. De Paris, sai tudo que seja grande movimentação artística, desde a idade das luzes, digamos assim. Ir a Paris num contexto artístico é sempre um privilégio, ou ir assistir a um espetáculo, ou ir visitar um museu. Fazer um espetáculo nessa cidade já traz um valor acrescido, é sempre mais emocionante tocar em Paris do que tocar na maior parte das cidades europeias. Por outro lado, tenho uma relação com a cidade já bastante antiga de viajar muito.

O disco "Viagens" foi inspirado das minhas muitas viagens, sobretudo as que começavam em Paris. Eu fazia sempre Porto-Paris de comboio... demorávamos 3 dias! Era a viagem que faziam os imigrantes. Enquanto eles iam para uma vida muito dura de trabalho, eu ia geralmente passar férias. Depois, comecei a fazer

não me engano... foi interessante porque também foram muitos franceses ao espetáculo, porque a música que eu faço é contemporânea. Nessa altura, a música que circulava nas comunidades portuguesas, era música mais popular. Pela primeira vez, havia um certo orgulho dos adolescentes portugueses que levavam os namorados ao espetáculo com um orgulho de um tipo de canção que se faz, que também tinha impacto em França. Lembro-me que "Se eu fosse um dia o teu olhar" rodava na rádio NRJ em Paris. Este regresso a Paris é um concerto muito esperado por mim, e pelo o meu público. As minhas atuações em Paris são sempre muito emotivas.

CM: Em outubro, também vais atuar na Bélgica e no Luxemburgo, e em novembro, na Grã-Bretanha, país onde reside uma

guesa no mundo: "Ninguém sai de onde tem paz". Quando eu começo a perceber que, em 2006-2007, há um novo fluxo de migração para França, Luxemburgo, Bélgica, Londres... Isto reativa uma memória que eu tinha do Portugal que tinha de sair de onde tinha paz. As pessoas não saem de Portugal por livre vontade, saem de Portugal porque são obrigadas a buscar condições de vida num sítio melhor. Isto no século XXI, é de pensarmos sobre isso.

CM: Nós, enquanto "lusodescendentes", temos muito orgulho em ser portugueses e por vezes, acaba por ser difícil explicar o nosso amor por Portugal aos franceses, mas também aos portugueses, em Portugal. Há em alguns de nós o sentimento de não se sentir nem completamente francês, nem completamente português. O que dirias a

um jovem lusodescendente que vive fora de Portugal e que sente esta contradição?

PA: Essa contradição é legítima, sobretudo quando em Portugal houve durante muito tempo uma certa hostilização ao imigrante. Isso contribuiu para que os imigrantes se sentissem divididos. Este sentimento é absolutamente legítimo de quem partiu porque o país não tinha condições para um sítio diferente, onde trabalhou penosamente para ganhar a vida. Depois, voltou para Portugal, ou reinveste em Portugal e nem sempre foi bem recebido. Sobretudo

resistência e de esperança. Como é que te veio a inspiração?

PA: Quando a guerra começou, todos nós ficamos absolutamente chocados, revoltados e impotentes. E eu enquanto músico, a minha impenitência, a minha revolta, a minha dor pôde ser salva, pôde ser apagada porque eu tenho um piano à frente. É como se eu estivesse a chorar em público... a arte também é isso. É uma maneira de expulsarmos a dor, de nos expor perante o público. Vi as imagens das populações a serem assassinadas. Fui

Tony Carreira, a Sara. Aquilo marcou-me tanto... imaginei um diálogo entre o pai e a filha. São canções que às vezes são tristes... mas é uma forma de nos libertarmos da própria tristeza. Prometo que o disco a seguir a este vai ser só um disco com coisas maravilhosas! (risos)

CM: Para acabar esta entrevista, queres deixar uma palavra aos nossos leitores e ao sortudos que vão estar na La Cigale em outubro?

PA: Gostava de dizer à comunidade portu-

« Quando a guerra começou, todos nós ficamos absolutamente chocados, revoltados e impotentes. E eu enquanto músico [...] a minha dor [...] pôde ser apagada porque eu tenho um piano à frente »

pelas elites. Vocês são simultaneamente portugueses e franceses. E eu gostava muito de ser! Eu sou francófono. J'ai été élevé par une nanny française! Tenho um grande respeito pela língua francesa, mas nós conhecemos o chauvinismo francês... e nós temos também o orgulho português. Sabem como é que se marca isso? Através da força cultural. É por isso que mencionei o concerto do Zénith em 1997: foi mostrar aos franceses que Portugal tem música pop/rock de qualidade que pode competir com a francesa. É por isso que vocês, lusodescendentes, têm toda a razão em ter esta dicotomia. Vocês têm o pé num país e no outro, e são países extraordinários de um ponto de vista cultural. Portanto, essa reconciliação entre os dois espíritos faz-me a mim dizer-vos: "Em Portugal, sejam portugueses com todo o orgulho e em França sejam franceses e portugueses com todo o orgulho".

CM: O tema "Que o amor te salve nesta noite escura" foi escrito em cerca de duas horas. Faz referência à guerra na Ucrânia, fala de

para o piano e a canção literalmente escreveu-se sozinha: "Que o amor te salve nesta noite escura, e que a luz te abrace na hora marcada. Amor que se ascende na manhã mais dura". Depois, chamei a Sara Correia e gravámos esta música em 15 minutos. No dia seguinte, fizemos um espetáculo onde tocamos essa música e tornou-se num êxito viral. A mim, salvou-me. Porque quando não podemos fazer nada perante uma situação, a arte é um ótimo refúgio para o fazer.

CM: Falando agora do futuro: vais lançar um novo álbum de originais. Algumas dessas canções já foram cantadas em março no Porto e em Lisboa. O que é que vem aí?

PA: Vem um disco de canções. Posso dizer que o disco é redondo e posso dizer que as canções têm os instrumentos normais: piano, guitarra, voz, bateria... (risos). Sabem, são canções de palavras: aquelas canções com palavras que tocam. Há uma canção que se chama "Leva-me para casa", que eu fiz quando morreu a filha do

guesa que pode ir ao espetáculo e que está em condições financeiras e práticas, logísticas ou perto, que vá ao espetáculo. Porque vai ser uma forma de celebrarmos emocionalmente. O espetáculo só faz sentido se tiver pessoas. A arte só faz sentido se tiver público. A arte é uma forma de falar em silêncio, de falar sem ter de dizer nada. E eu sei que as pessoas vão comover-se fora e que também se vão divertir. E espero ver-vos lá, e que não esteja a chover... Obrigado Cap Magellan! ■

Obrigado ao Pedro Abrunhosa pela sua simpatia do costume e pela amizade com que acompanha a Cap Magellan há três décadas. Esperamos encontra-los em outubro para celebrar este concerto!

Entrevista completa em: capmagellan.com.

As três sortudas (Elsa Macieira, Gabriela Vieira e Sylvie Gonçalves)

capmag@capmagellan.org

Créditos photos: © Facebook officiel de Valdo de Sousa

